



Resenha

Resenha do livro *10 Lições sobre Husserl*, de Daniel Guilhermino

DOI: 10.12957/ek.2025.88399

Pedro Damasceno Uchôas¹

Universidade Federal de São Carlos

pedruchoas@gmail.com

RESENHA DO LIVRO:

GUILHERMINO, D. P. *10 Lições sobre Husserl*. 1ª edição. Petrópolis/RJ: Vozes, 2024.

“Devemos ter cuidado para não banalizar o passado” (Husserl *apud* Guilhermino, 2024, p. 12). Com essa frase significativa, Daniel Guilhermino inicia sua obra *10 Lições sobre Husserl* e chama atenção, de imediato, para uma das características centrais do pensamento do autor comentado: a devoção de Edmund Husserl à filosofia como prática e área rigorosa de investigação. Husserl, ainda que pouco estudado diretamente em cursos de graduação, não pode, ele mesmo, tornar-se banalizado e reduzido a um simples autor de transição ou de influência, cuja filosofia seria “antesala” para o surgimento de obras posteriores fundamentais para a filosofia contemporânea, tais como *Ser e tempo*, de Martin Heidegger, ou *O Ser e o nada*, de Jean-Paul Sartre. Há comentários no livro *Lições* sobre tais influências, mas nunca de modo central ou protagonista. Se há referências aos desdobramentos da obra de Husserl e dos impactos de sua produção em autores vindouros, é somente como forma de contextualização, fazendo-se presente continuamente e com destaque a análise resumida, mas não superficial, de aspectos centrais da fenomenologia característica desenvolvida pelo autor alemão.

O livro, assim como outros volumes da mesma coleção, consiste em uma obra de introdução ao filósofo. Dividido em dez partes, é composto por uma variedade de capítulos cujos conteúdos refletem conceitos centrais para a obra de Husserl e a relação que pode ser estabelecida entre eles no panorama da filosofia geral do autor ao longo da história de suas publicações. Fato inicial, e que se torna logo percebido pelo leitor atento,

¹ Doutor em Filosofia pelo Programa de pós-graduação em Filosofia da Universidade Federal de São Carlos.

é a preocupação de Guilhermino na construção fluida do encadeamento temático dos capítulos. Apesar dos títulos das lições serem propriamente termos técnicos da fenomenologia, como “redução fenomenológica” e “intencionalidade”, subjaz a cada um deles ampla gama de temáticas que, relacionadas entre si, se desdobram em um curso suave de pensamento que ilumina os difíceis problemas filosóficos discutidos por Husserl e favorecem quem tem por intenção ler o autor pela primeira vez, munindo-se de compreensões preliminares e retraduições técnicas que fornecem instrumentos valiosos de consulta.

Como forma de introduzir o leitor à gênese da obra husserliana, Guilhermino compõe uma primeira lição cujo objetivo central é delinear uma linha do tempo que recontre o desenvolvimento filosófico e acadêmico do autor, seu comportamento pouco interativo ao longo das aulas de sua formação inicial e o desenvolvimento tardio de gosto e apreço pela filosofia. Cabe destacar que seu acesso à filosofia apenas se tornaria frequente após o contato com Leopold Kronecker e Karl Weierstrass, pensadores e matemáticos que causaram em Husserl uma impressão impactante e produziram no autor uma “marca indelével”, introduzindo-o a filósofos que se tornariam parte constitutiva de sua produção posterior (caso emblemático é a introdução de Descartes por Kronecker) (Guilhermino, 2024, p. 16-17). Guilhermino, então, reconta a origem e o surgimento da fenomenologia husserliana, a influência de Brentano (com quem, inclusive, Husserl chegou a estudar), definitiva para o desenvolvimento da fenomenologia como psicologia descritiva, e delinea alguns dos conceitos centrais dessa filosofia emergente que encontraria elaboração e aperfeiçoamento nos anos posteriores (1891-1900) através da obra *Investigações lógicas* e, em 1913, seria reelaborada (já não mais como psicologia descritiva) em *Ideias I*.

Após um primeiro capítulo propedêutico, as duas lições que se seguem inauguram a abordagem mais detida sobre a filosofia de Husserl instaurada em seus primeiros anos de produção e compõem um bloco explicativo coeso indissociável. Intituladas respectivamente “Fundamentação da matemática” e “Fundamentação da lógica pura”, destacam o lugar fundante da discussão matemática e lógica para a fenomenologia definida como “psicologia descritiva”, elemento principal da obra *Investigações lógicas*. Nestas duas lições, há retraduições técnicas de muita importância para a compreensão da obra de Husserl, mesmo tardia, e que com muita clareza são elaboradas sem que haja

prejuízo direto ao rigor metodológico e conceitual da obra do autor. Por exemplo, Guilhermino estabelece a articulação entre três termos centrais que desempenham papel central no léxico husserliano: a) psicologia descritiva, b) psicologia empírica e c) psicologismo. Através dessa distinção, delineia o processo de desenvolvimento dos escritos do autor e estabelece o eixo condutor geral que dirige as lições posteriores: a crítica ao *psicologismo* enquanto redução do pensável à relatividade do fato do pensamento de algo, tal como explicita o autor:

Trata-se da ideia de que os princípios da lógica e os teoremas matemáticos, por exemplo, nada mais seriam do que nossa atividade de pensá-los. Assim, o princípio da não-contradição, que diz que “nada pode ser e não ser simultaneamente, não seria uma verdade em si, mas seria válido apenas porque quem o pensa não consegue concebê-lo como inválido, isto é, não consegue pensar algo sendo e não sendo ao mesmo tempo. Outros seres poderiam conseguir pensá-lo, e teriam, portanto, outras leis lógicas (Guilhermino, 2024, p. 44).

Em oposição a tal definição, Husserl constrói sua fenomenologia sobre a ideia geral de *psicologia descritiva*, conceito aperfeiçoado a partir das leituras e das aulas de Brentano. Ao invés de considerar que as leis lógicas e as proposições fundamentais da matemática são meramente forma humana de pensamento ou reflexos da consciência unicamente humana, a fenomenologia husserliana das *Investigações lógicas* se propõe ser um projeto de classificação e de descrição dos “fenômenos psíquicos para que então a psicologia empírica possa explicar como tais fenômenos ocorrem no ser humano em sua concretude psicofísica” (Guilhermino, 2024, p. 36). Desse modo, e o que se torna evidente com o desenvolvimento do texto de *Lições*, o projeto husserliano tem por foco descrever e classificar esses fenômenos da consciência a partir de uma investigação da forma universal do ser consciente, seja ele humano ou qualquer outro tipo de ser. O que lhe cabe, portanto, não é a consciência “relativa” de cada tipo de ser que possui e vivencia um mundo próprio, mas a própria forma geral do ser consciente (posteriormente, subjetividade transcendental). E, por essa razão, a discussão que se estabelece entre fenomenologia, psicologismo (relativismo) e psicofísica (descrição material e física dos fenômenos psíquicos) integra o núcleo central da investigação filosófica de Husserl.

De modo semelhante, a noção de *intencionalidade*², abordada na quarta lição que carrega o nome do próprio conceito, é formulada como derivação da discussão anterior, a refutação do psicologismo. Na tentativa de elaboração de uma teoria geral sobre a consciência em sua universalidade, Husserl emprega a compreensão, de origem brentaniana, de que toda consciência, por mais diversa que possa ser, possui sempre uma forma universal, o ato psíquico de visar algo, um objeto para a consciência. Formalmente, a defesa da tese da consciência como forma necessária de todo *visar* aparece exemplificada em *Ideias* por intermédio da “tese do aniquilamento do mundo”. Tal como descreve o autor, Husserl empreende um procedimento de exclusão dos elementos inessenciais da consciência, o próprio mundo e suas características, em busca da descrição detalhada dos elementos essenciais que definem a forma da consciência.

Quer isto pura e simplesmente dizer que a investigação da estrutura mínima da consciência, isto é, de seus componentes, não depende do mundo: o mundo poderia ser outro ou poderia mesmo não existir, e ainda assim a consciência preservaria seu caráter de consciência intencional, de consciência que possui tais e tais características que cabe à fenomenologia investigar. Os fatos do mundo não determinam, tampouco condicionam, os componentes da consciência (Guilhermino, 2024, p. 71).

Após discutir, introdutoriamente, os conceitos centrais da fase produtiva de Husserl marcada pela obra das *Investigações*, o autor se dirige, na *Quinta lição*, então, para a produção posterior exemplificada por *Ideias I* (1913), obra de maturidade. Momento em que a noção de *redução fenomenológica* ocupa lugar central e em que Husserl reflete sobre as limitações da fenomenologia definida como psicologia descritiva. Nesta etapa, a caracterização da fenomenologia como psicologia descritiva encontra limites, de modo que uma nova definição é elaborada por Husserl, contrapondo-se a outros tipos de saber limitados. A fenomenologia torna-se uma “nova ciência”, “responsável pela crítica da razão”, e se dirige para uma análise da tensa relação pautada pela superação crítica paulatina da *atitude natural*. Tal atitude é a mais usual e cotidiana para os seres humanos, que, sem se questionarem sobre a validade do que conhecem e do que vivenciam, admitem acriticamente que o mundo diante de todos é tal como está dado

² O conceito de intenção é ressignificado por Husserl, que o distingue, então, da noção usual de intenção. Guilhermino retoma o processo de ressignificação do conceito e elabora uma explicitação de seu novo sentido: “A intenção, portanto, deve ser distinguida de seu sentido usual de ser um ato da *vontade*, como quando tenho a intenção de estudar filosofia. Antes, Husserl usa esse termo para caracterizar a relação geral da consciência a objetos que lhe transcendem” (Guilhermino, 2024, p. 57).

em sua ordem e existe como tal. Sobre isso também se fundam as *ciências positivas*, valendo-se da investigação do mundo natural como mundo estabelecido e dado ao conhecer sem, antes, qualquer discurso investigativo sobre o estatuto do conhecimento do mundo e seus limites. Ao contrário, o percurso filosófico, sinônimo aqui de investigação fenomenológica, consiste em abandonar pressupostos acríticos e admissões infundadas, como, por exemplo, a da existência inquestionada do mundo e da validade objetiva de todo conhecer. A atitude filosófica por excelência é, nesse momento, descrita como sendo a *epoché* fenomenológica, ou a suspensão das admissões prévias e dos fatos contingentes, em prol da análise crítica e da investigação da própria consciência pura, aquela para a qual está dado o mundo contingente, sendo ela mesma, todavia, necessária (Guilhermino, 2024, p. 72). Explica Guilhermino:

Não se trata da consciência psicológica, essa que é parte do mundo, já que ela é sempre consciência de um ente efetivo, humano ou não. Essa consciência psicológica efetiva era ainda aquela operante nas *Investigações lógicas*, pois pressupunha a existência do mundo, como seu suporte, apenas que não fazia asserções sobre esse suporte, na medida em que não abordava a estrutura psicofísica da consciência. Agora, a atitude fenomenológica nos obriga não só a não fazer asserções acerca do mundo efetivo, como a não o pressupor (Guilhermino, 2024, p. 70).

Desse modo, portanto, a fenomenologia husserliana sofre alterações fundamentais que a transformam em um empreendimento ainda mais crítico ao longo do processo de “desatar o compromisso com o ser do mundo” (Guilhermino, 2024, p. 75). A radicalidade desse empreendimento filosófico se torna manifesta, descreve Guilhermino, sobretudo por meio da delimitação rigorosa do campo teórico de atuação da filosofia: “a correlação *a priori* entre consciência e objeto” (Guilhermino, 2024, p. 82) sem que haja, todavia, “assunção prévia de coisas existentes no mundo” (Guilhermino, 2024, p. 86). A sexta lição do texto introdutório em questão é dedicada à análise das mudanças ocasionadas por esse estágio de maturidade da obra husserliana (e de ressignificação) marcado pelos temas da redução fenomenológica e da investigação das essências. A relação difícil entre idealidade e realidade, em se considerando a distinção entre tempo *fenomenológico* (imaneente) e tempo *cósmico* (objetivo e mensurável), aparece conectada ao problema geral da relação entre real e ideal e a dimensão temporal da experiência da consciência com o mundo e de sua condição de “dado”. Dessa relação se ocupa a sétima lição, intitulada *Temporalidade*. Nela, Guilhermino delinea e acentua a exposição de Husserl

acerca da consciência do tempo e da temporalidade e de sua inscrição no *eu puro* como referente último e condição geral de toda fluidez. Enquanto *eu puro*, a subjetividade subjacente a todo experienciar e a todo mundo temporal dado, é intemporal, visto não ser ela mesma dada no tempo. Se se pode falar diretamente de um *eu particular* ou individual, é precisamente do eu empírico que se trata (Guilhermino, 2024, p. 96), aquele tipo de condição subjetiva mundana que é suprimida pela redução fenomenológica e pela purificação da consideração usual do indivíduo situado no mundo. Vale destacar a interessante abordagem de Husserl acerca da prática filosófica na sociedade a ele contemporânea, presente nas duas lições seguintes, intituladas respectivamente *Crise das ciências e Ética*.

Crítico da filosofia como produção para poucos indivíduos que se furtam à contribuir para o desenvolvimento intelectual da sociedade, Husserl assevera, e isso Guilhermino enfatiza, que a relativização da razão e o distanciamento de uma racionalidade universal integrada à sociedade e à vida prática culmina em uma degradação da humanidade, levando as ciências europeias, como também a própria prática cotidiana da liberdade, à crise e ao decréscimo (Guilhermino, 2024, p. 100). Convém lembrar, porém, que o livro se ocupa de lições introdutórias e que, por isso, não substitui a leitura original do texto husserliano. Fato positivo em relação ao livro é a constante referência às obras originais e o uso da paginação da coleção Husserliana, o que facilita ainda mais o ingresso do leitor na pesquisa acadêmica de rigor sobre o autor.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GUILHERMINO, D. P. *10 Lições sobre Husserl*. 1ª edição. Petrópolis/RJ: Vozes, 2024.

Recebido em: 04/12/2024 | Aprovado em: 10/07/2025